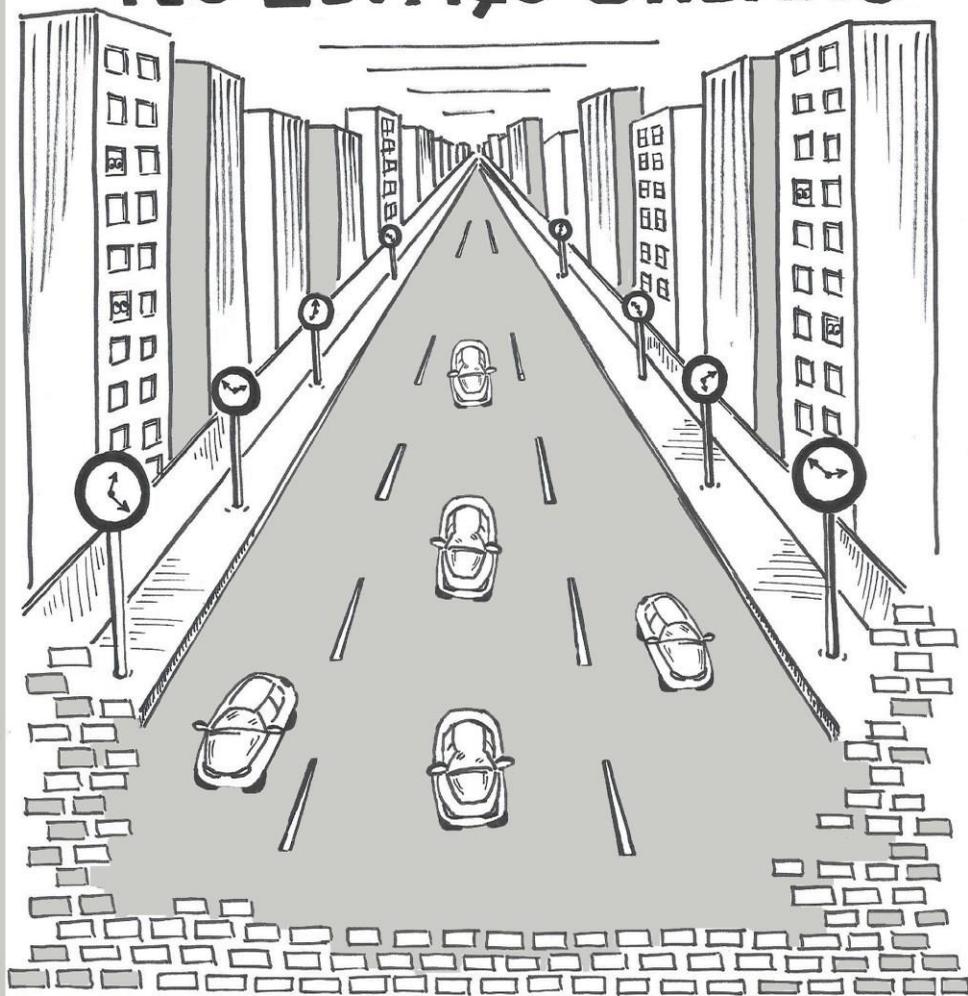


MODOS DE MORAR NO ESPAÇO URBANO



MARLUCE WALL

MODOS DE MORAR NO ESPAÇO URBANO

São Luís
2019

© copyright 2019 by UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA UEMA.

MODOS DE MORAR NO ESPAÇO URBANO

EDITOR RESPONSÁVEL

Claudio Eduardo de Castro

CONSELHO EDITORIAL

Alan Kardec Gomes Pachêco Filho • Ana Lucia Abreu Silva
Ana Lúcia Cunha Duarte • Cynthia Carvalho Martins
Eduardo Aurélio Barros Aguiar • Fabíola Oliveira Aguiar
Helciane de Fátima Abreu Araújo • Helidacy Maria Muniz Corrêa
Jackson Ronie Sá da Silva • José Roberto Pereira de Sousa
José Sampaio de Mattos Jr • Luiz Carlos Araújo dos Santos
Marcelo Cheche Galves • Marcos Aurélio Saquet • Maria Medianeira de Souza
Maria Claudene Barros • Maria Sílvia Antunes Furtado
Rosa Elizabeth Acevedo Marin • Wilma Peres Costa

**São Luís
2019**

Editoração: Flávia
CAPA: Eugênia Marques de Castro

WALL, Marluce. MODOS DE MORAR NO ESPAÇO URBANO. São Luís: Eduema, 2019.

p. 81 ISBN –978-85-8227-226-8

I – Marluce Wall. 1 – Modos de Morar 2 – Espaço Urbano.- Modos de Morar no Espaço Urbano.



Cidade Universitária Paulo VI – C.P. 09
CEP: 65055-970 – São Luís/MA
www.uema.br – editorauema@gmail.com

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| OS MUROS | 06 |
| Marina Tesch | |
| O RITMO URBANO | 30 |
| Marina Tesch | |
| PESSOAS INVISÍVEIS | 42 |
| Marina Tesch | |
| MODOS DE MORAR E MODA DE MORAR | 54 |
| Izabel Nascimento e Marluce Wall | |
| ENTRE A CIDADE COMPACTA E A CIDADE DISPERSA OS MODOS DE MORAR EM SÃO LUÍS | 62 |
| Marluce Wall | |



APRESENTAÇÃO

Os capítulos deste livro constituem-se em uma reflexão sobre o morar na cidade contemporânea, compreendendo-se “modos de morar” como a relação, quer individual, quer coletiva, com a cidade, com a vizinhança, com os espaços públicos e com o seu espaço individual de moradia, em seu cotidiano. Busca-se compreender estes modos de morar em duas dimensões: a dimensão da convivência em seu espaço de vizinhança, o estar entre si; e a dimensão de experiência urbana, sendo o estudo de ambas referenciado no trabalho de Olivier Mogin (2009).

A primeira parte traz uma forma inovadora de apresentação: a narrativa dos próprios moradores captadas por Marina Tesch. Apresentam-se essas narrativas em quadrinhos, divididas, de forma sensível, nos temas *Os muros*, *Ritmo urbano* e *Pessoas invisíveis*. Tendo São Luís como cenário, as narrativas abrem uma discussão mais ampla sobre a cidade contemporânea.

Na segunda parte, as autoras, a partir de indagações sobre o morar atual em espaços fechados e uniformes, buscam refletir sobre os dilemas dos moradores, situados entre as razões práticas de segurança e privacidade, os sonhos de um bem viver, e a realidade que nem sempre corresponde aos sonhos, sobre modos de morar e a moda de morar.

Finalmente, o capítulo “Entre a Cidade Compacta e a Cidade Dispersa, os Modos de Morar em São Luís”, que faz



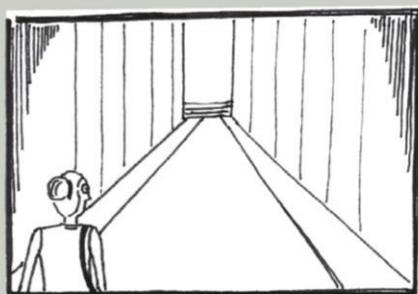
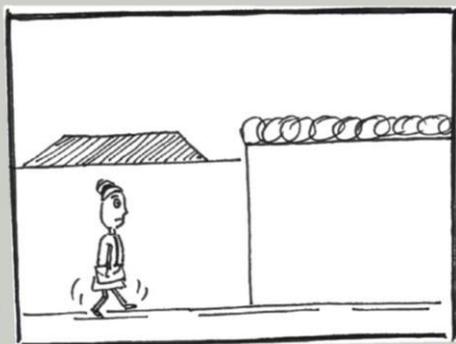
parte da tese “Urbanização Dispersa em São Luís, Tensões entre Expansão e Centro” lança um olhar sobre as transformações e permanências nos modos de morar que acompanham os mais recentes processos de produção do espaço em São Luís.

OS MUROS

"SERÁ QUE EXISTE UMA CIDADE
SEM PAREDES PARA
ABRIGAR A SUA ALMA,
OU ABAFAR OS SEUS GRITOS
E COREOGRAFAR
A DANÇA DA SUA VIDA?
SE AS PAREDES EXISTEM
PARA PROTEGER E EXCLUIR,
ELAS TAMBÉM NÃO CONTÊM
E APRISIONAM?
SERVIAM ELAS, ENTÃO,
PARA AMAR OU PARA ODIAR?
AFINAL,
AS PAREDES NÃO SÃO
FEITAS PELA NATUREZA..."

WILL EISNER

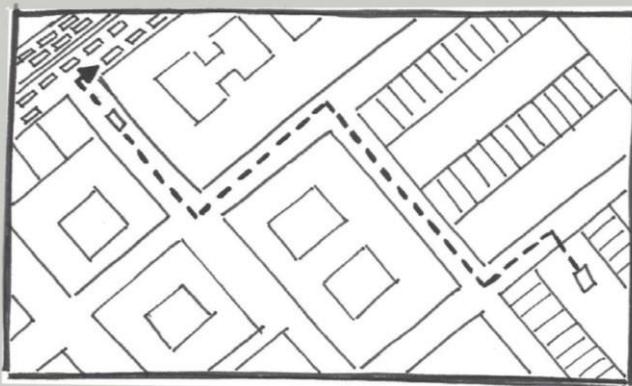
RUAS NUAS





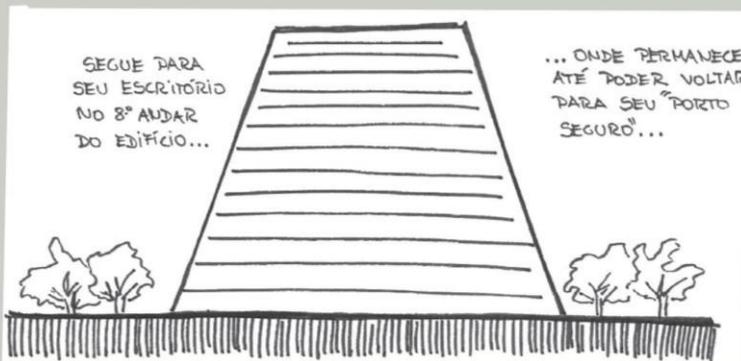


E ASSIM O
ADVOGADO SAI
DE SEU
"CASTELO
PROTEGIDO",
DIRIGINDO
SEU CARRO...

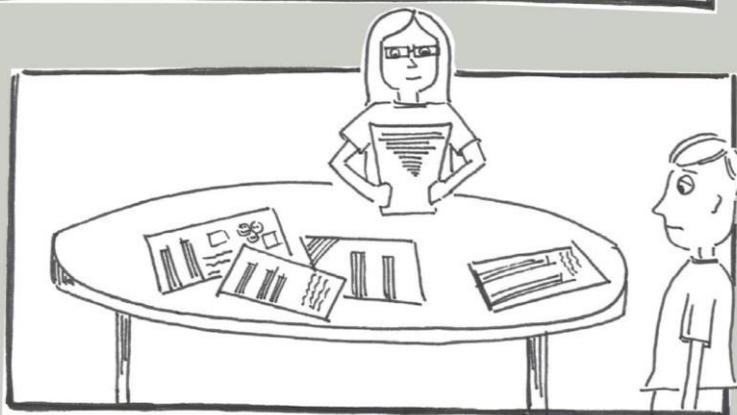


SEGUE PARA
SEU ESCRITÓRIO
NO 8º ANDAR
DO EDIFÍCIO...

... ONDE PERMANECE
ATÉ PODER VOLTAR
PARA SEU "PORTO
SEGURO"...



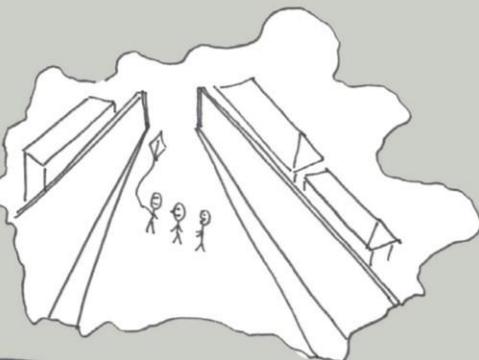
SONHO DE CONSUMO



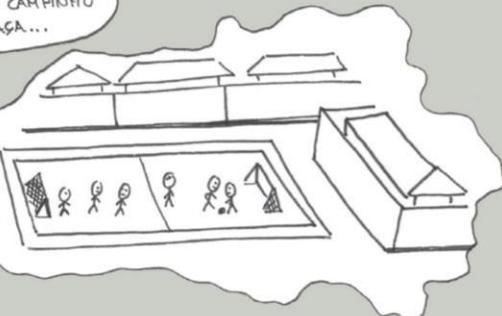


MÃE, AINDA NÃO ENTENDI POR QUE VOCÊS NÃO QUEREM MAIS MORAR AQUI...

MORAMOS AQUI HÁ TANTO TEMPO...



TENHO MEUS AMIGOS... O FUTEBOL NO CAMPIÑO DA PRAÇA...



... E AINDA TEM O MERCADINHO DO SEU ALFREDO...





VOCÊ VAI CONHECER
CONOSCO... E LOGO
VAI MUDAR DE
IDÉIA

ALÉM DISSO,
SEU PAI FOI PROMOVIDO,
PODEMOS MORAR EM
UMA ÁREA MAIS
VALORIZADA!

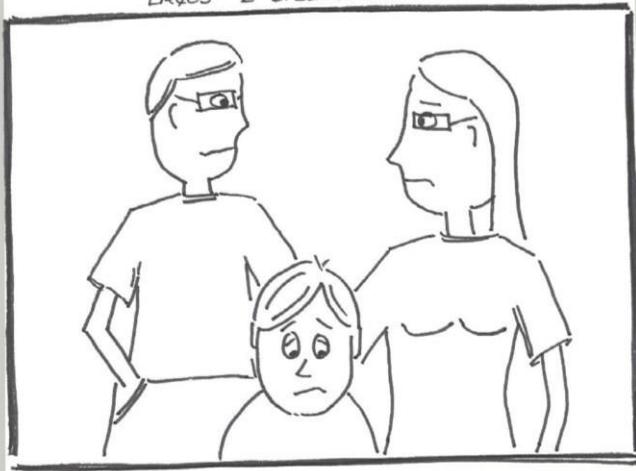
LÁ TEM TUDO
QUE VOCÊ PRECISA...
E ESTAREMOS MAIS
PROTEGIDOS...



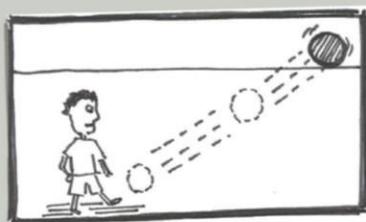
COMO VAMOS
FAZER COM O
TOBBY?

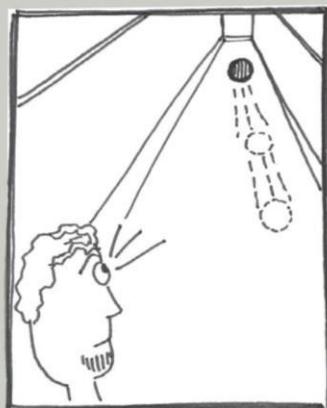
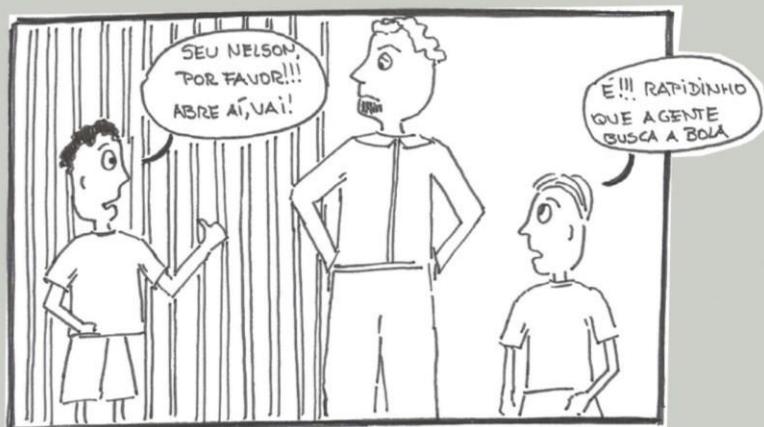


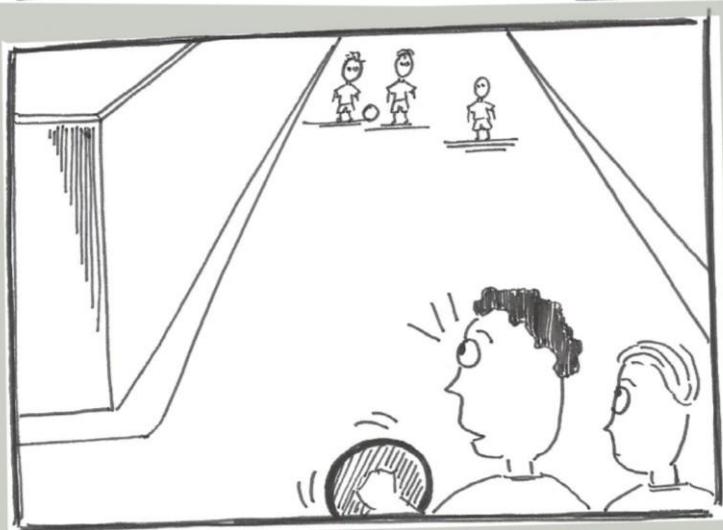
O SONHO DE CONSUMO DEIXA PRA TRÁS
LAÇOS E LIBERDADE...



DENTRO E FORA







LIBERDADE ILUSÓRIA



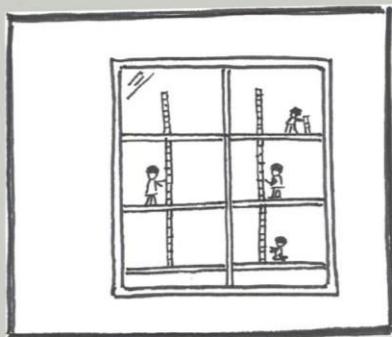
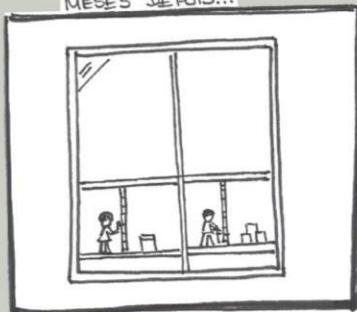


PELA JANELA DO QUARTO: TUDO ENQUADRADO

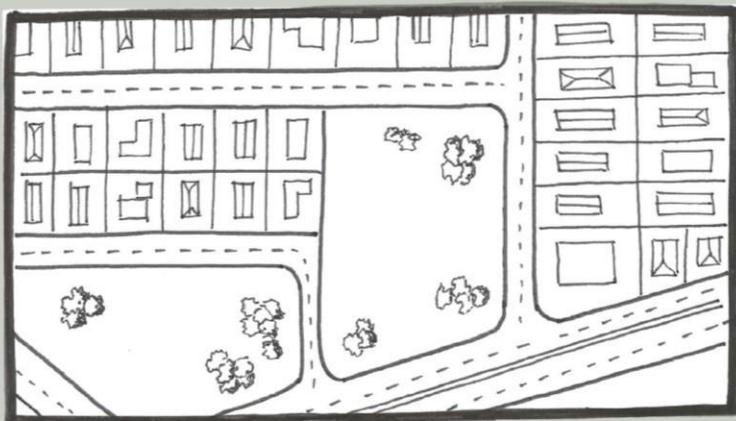




MESES DEPOIS...

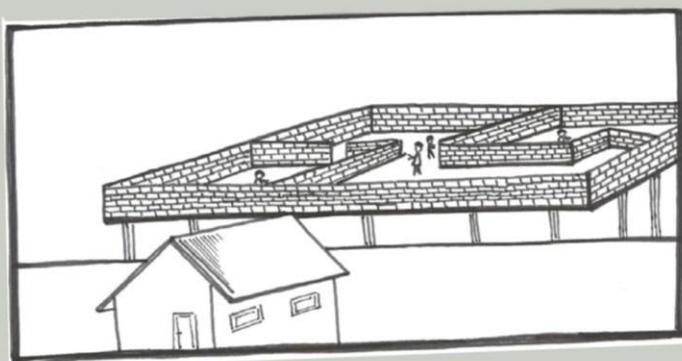


RUAS AFOGADAS

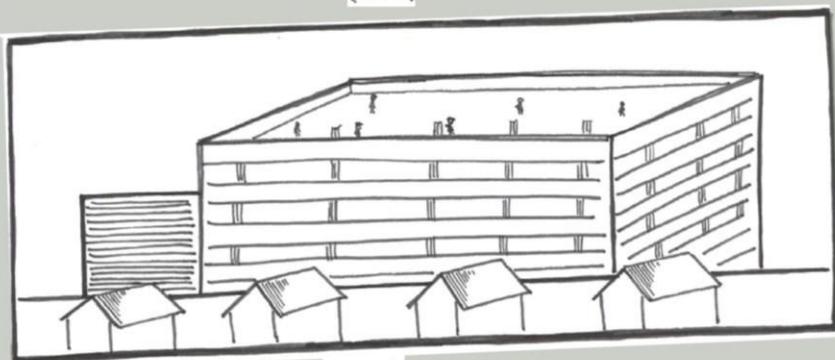


(...)



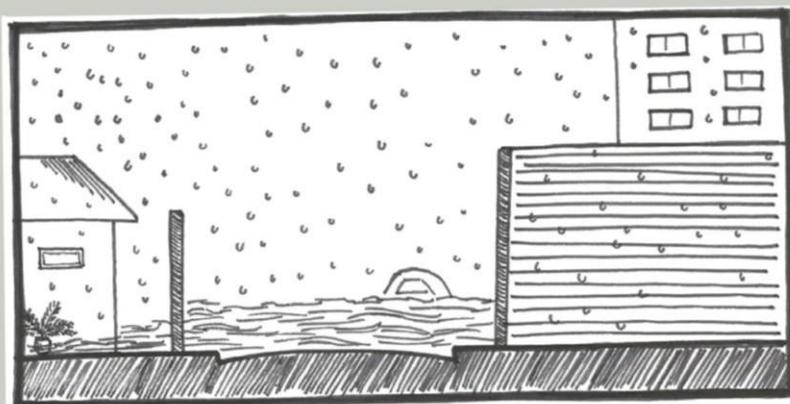
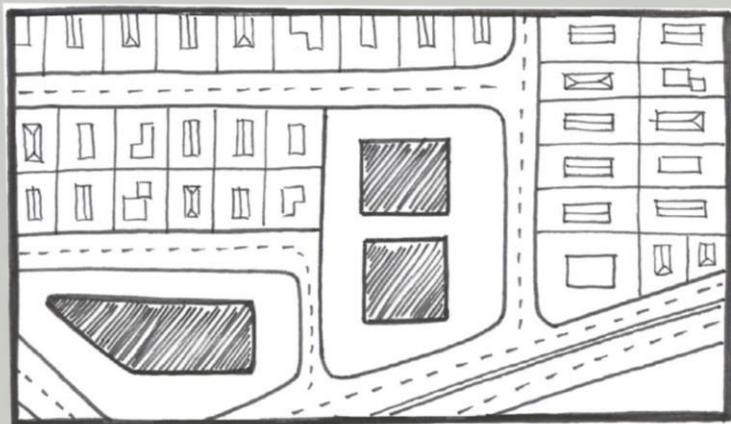


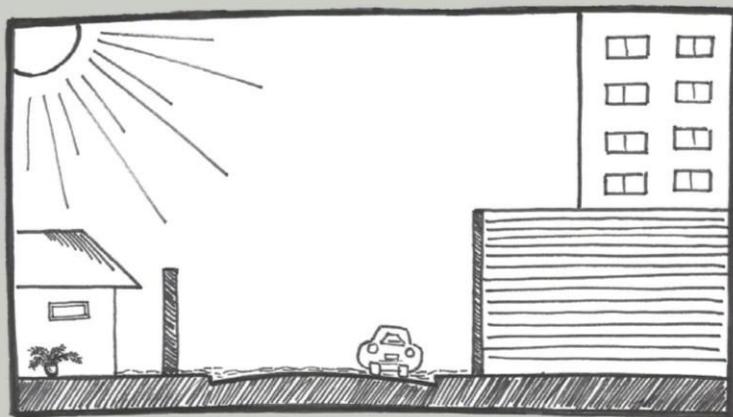
(...)



(...)

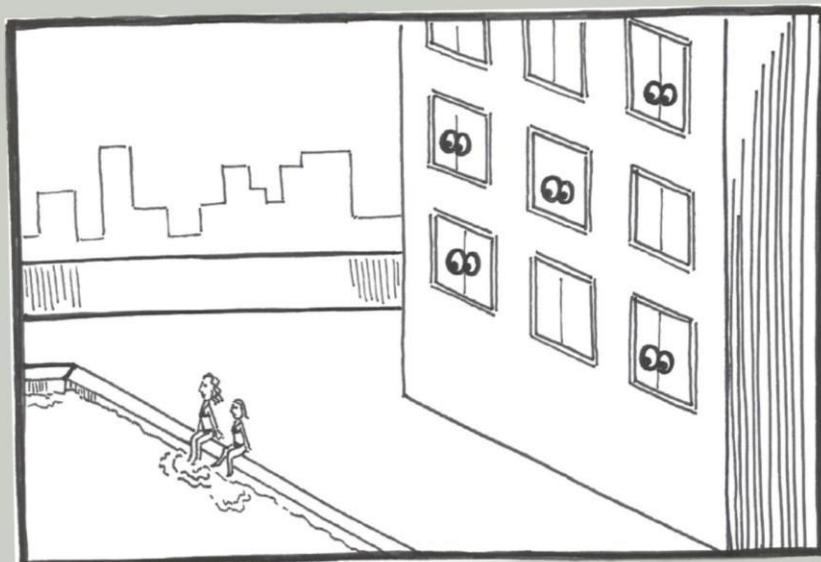




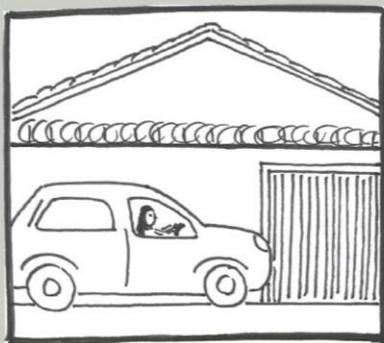


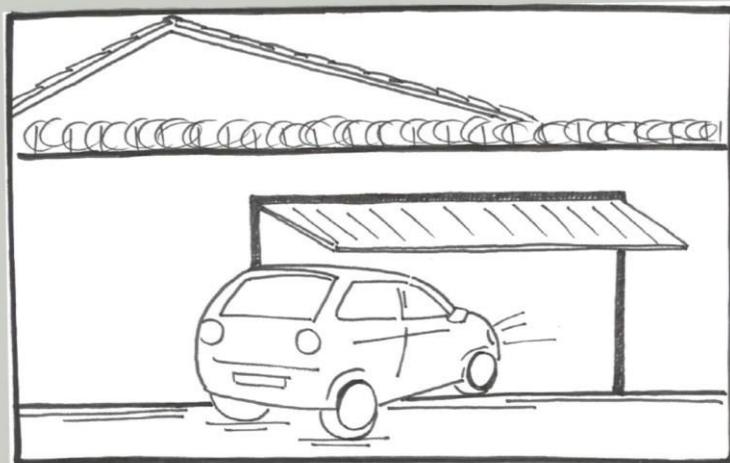
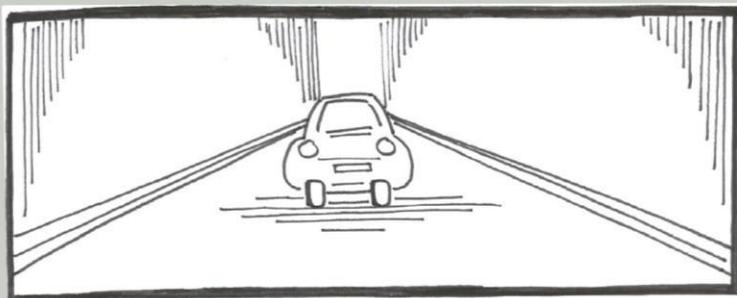
ESPECTADORES





ATRÁS DOS MUROS

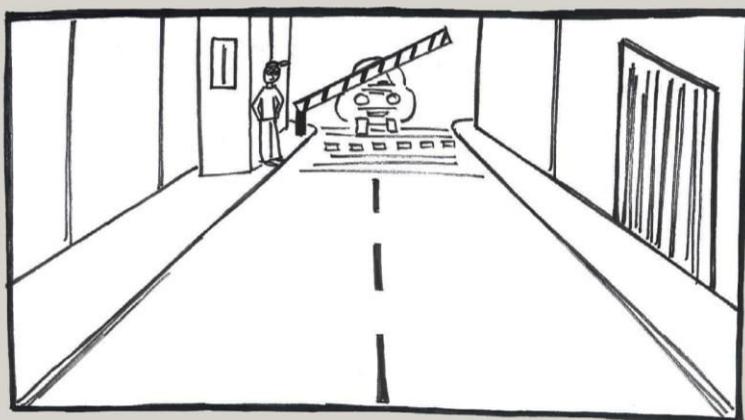
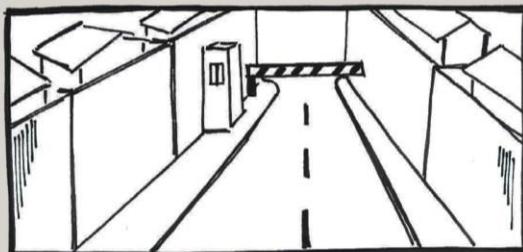


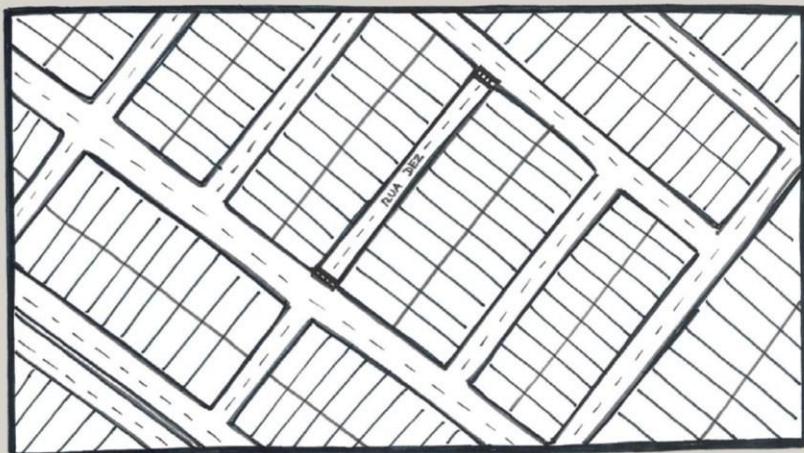


LEIS PARA QUEM?



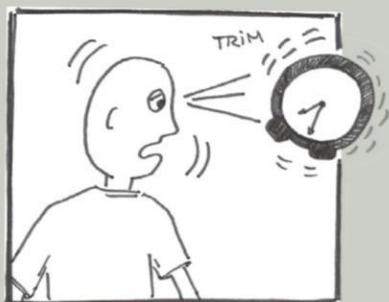
SEMANAS DEPOIS...







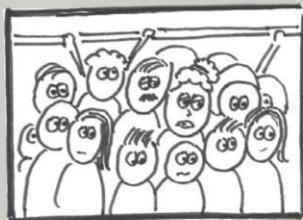
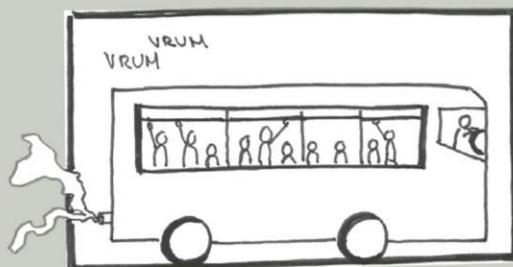
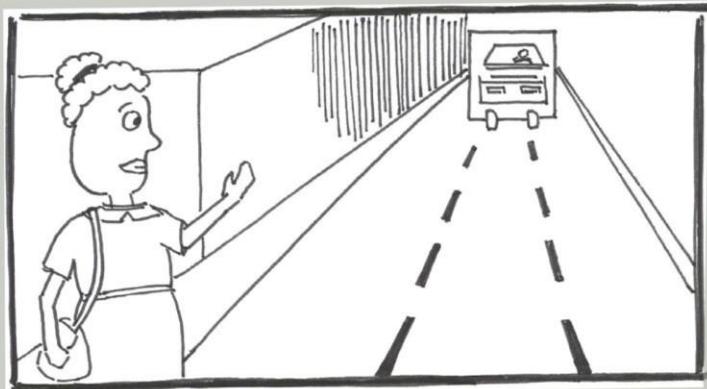
CIDADE DORMITÓRIO





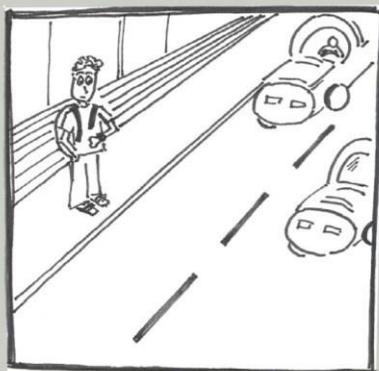
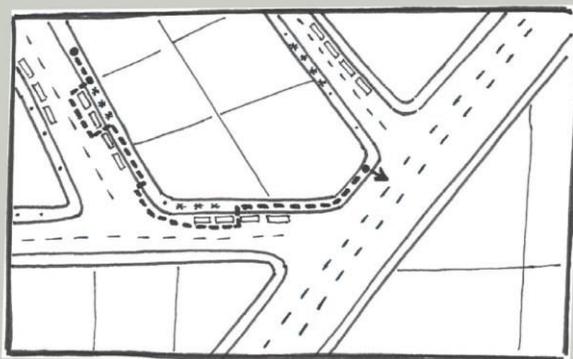
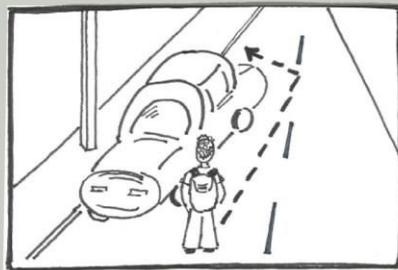
TEMPO FURTADO

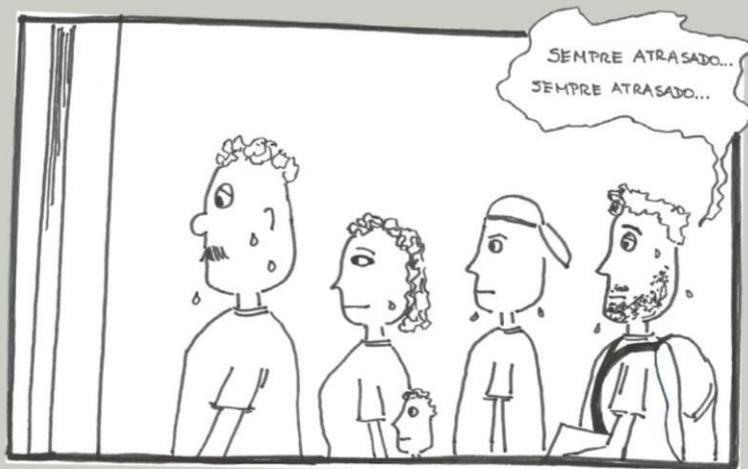




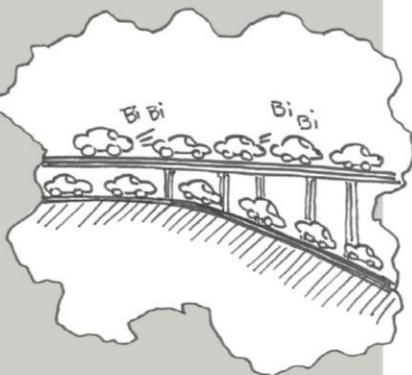
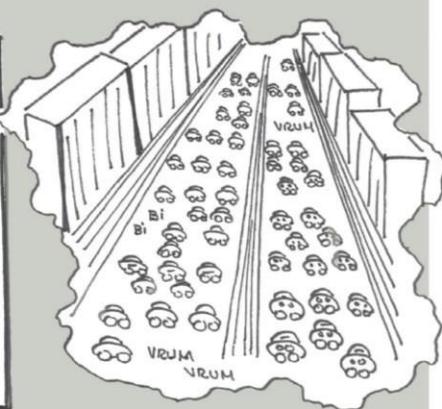
MARATONA DA ROTINA

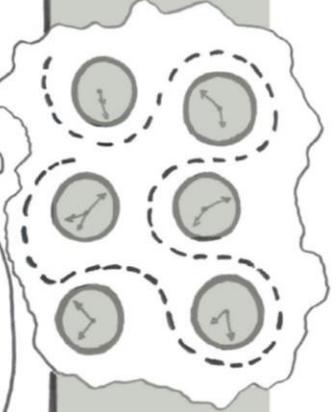
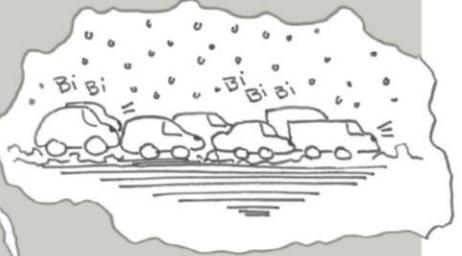






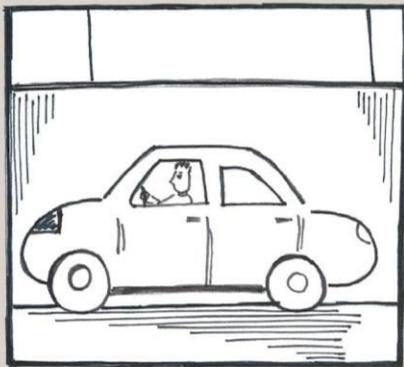
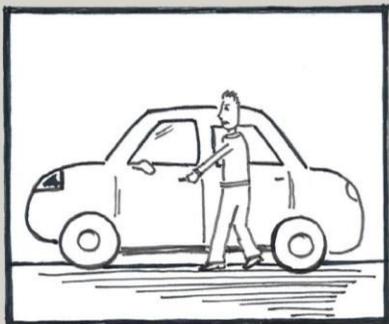
ROTAS DE FUGA





LOGO ALI

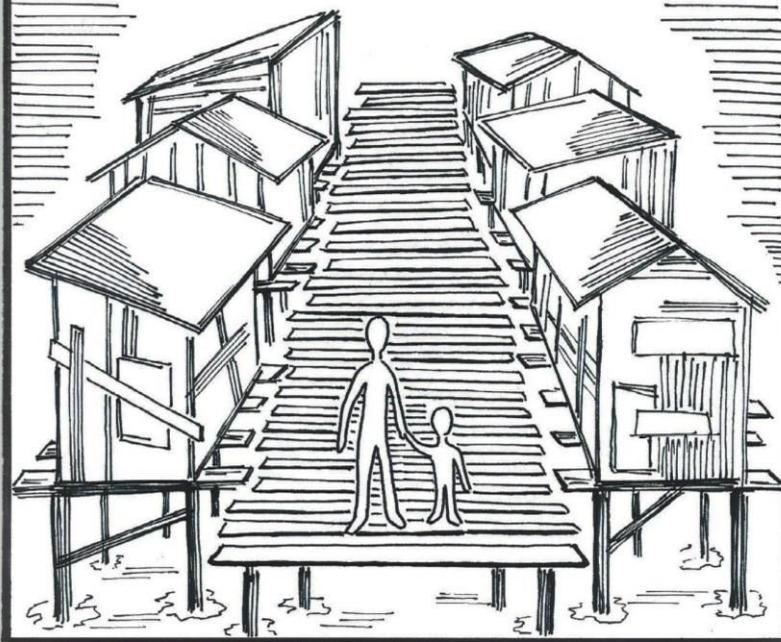




(...)



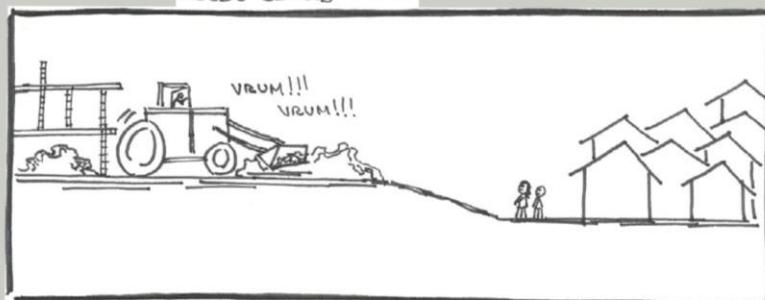
PESSOAS INVISÍVEIS



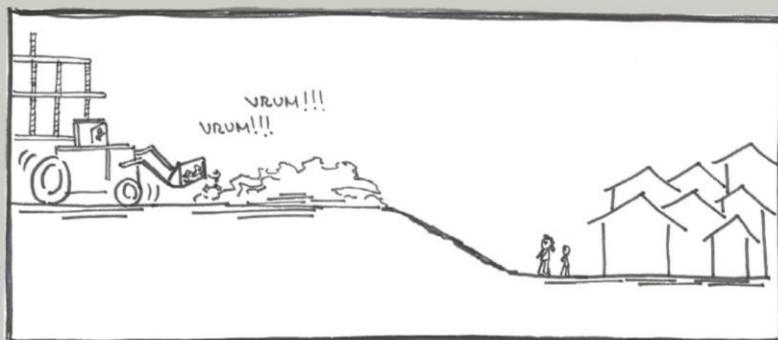
PORTA DOS FUNDOS

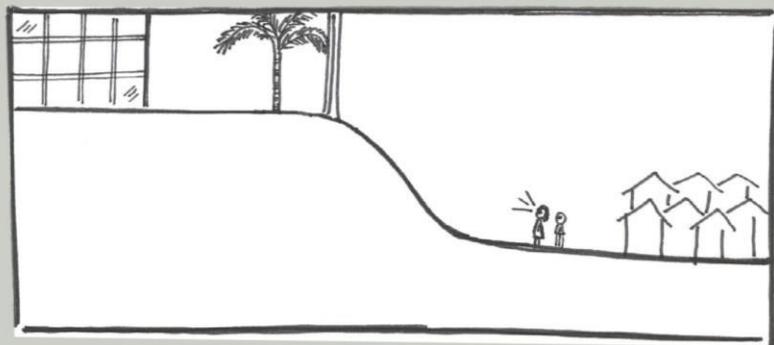


MESES DEPOIS ...



...





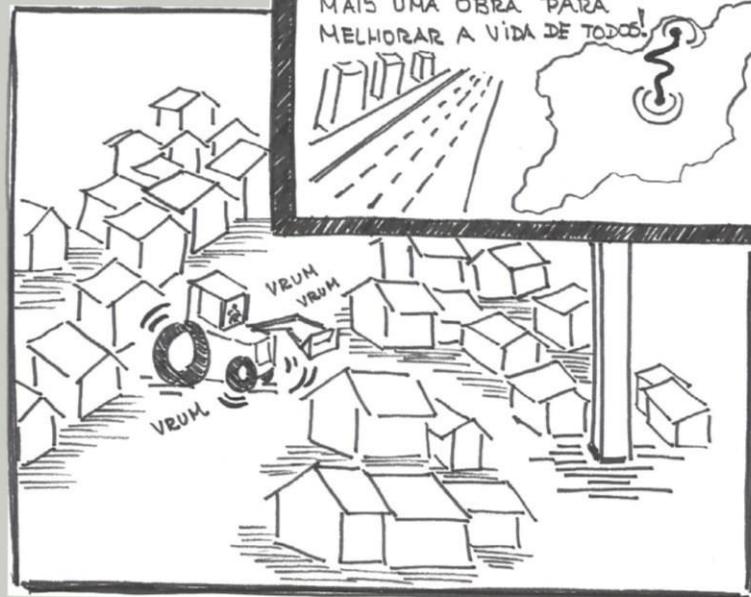
PARA DEBAIXO DO TAPETE

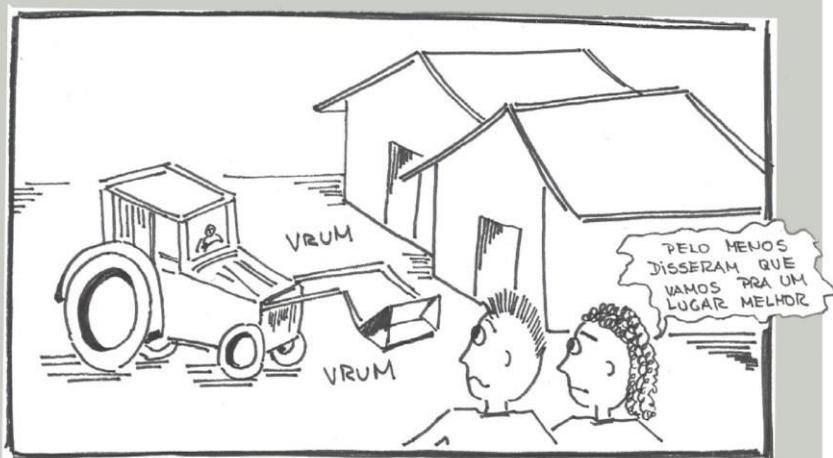
VILA 101



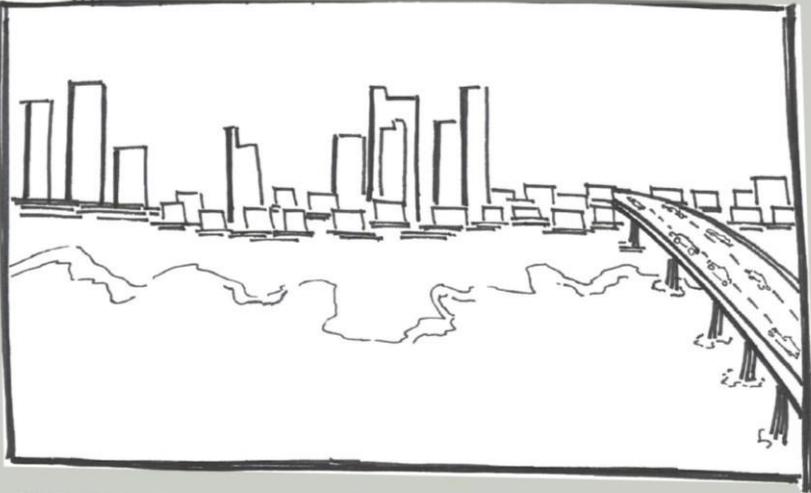
AVENIDA NORTE-SUL

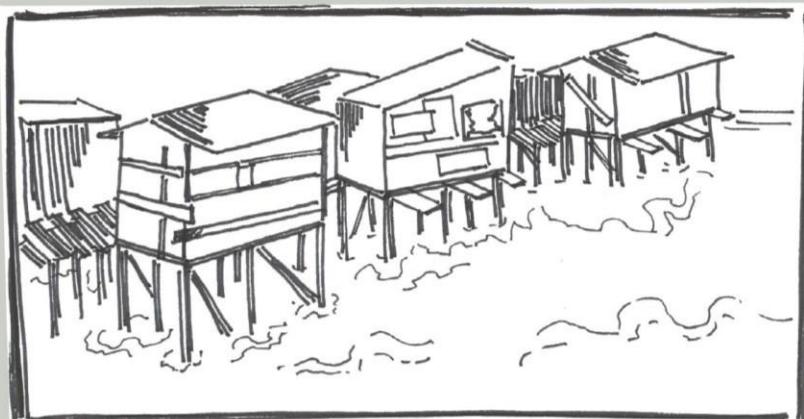
MAIS UMA OBRA PARA
MELHORAR A VIDA DE TODOS!

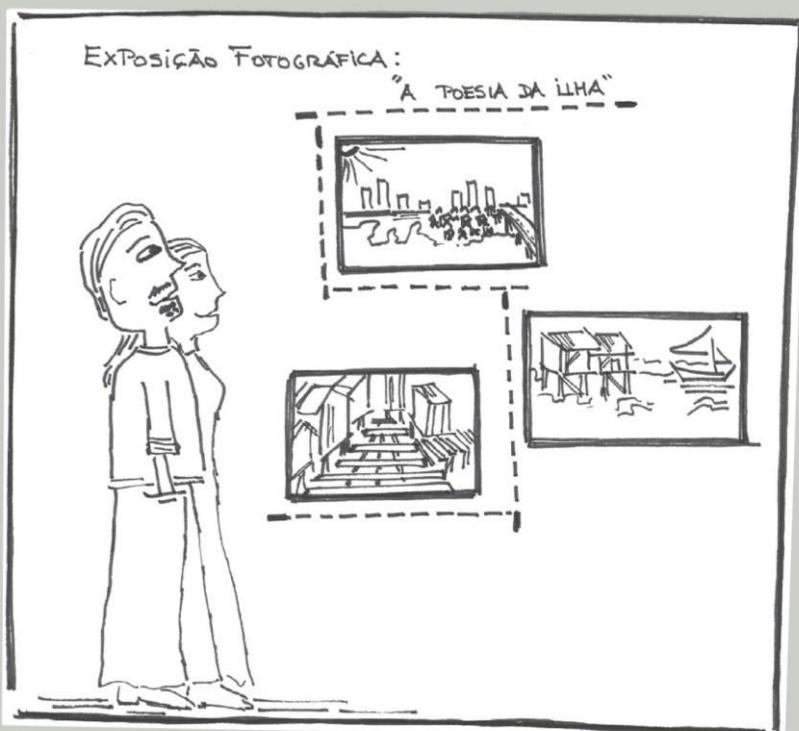
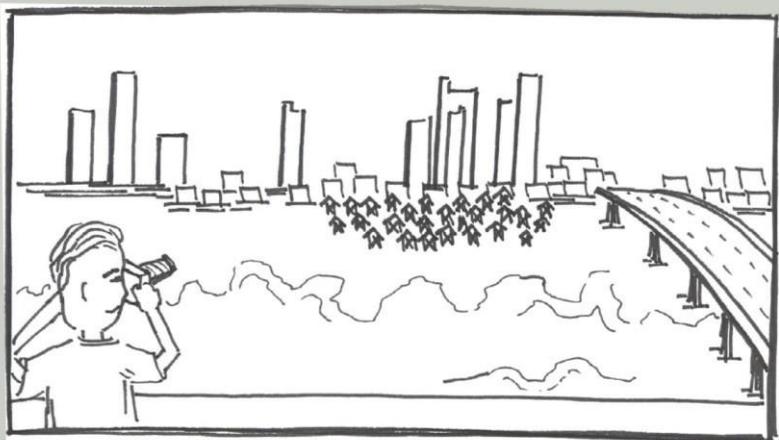




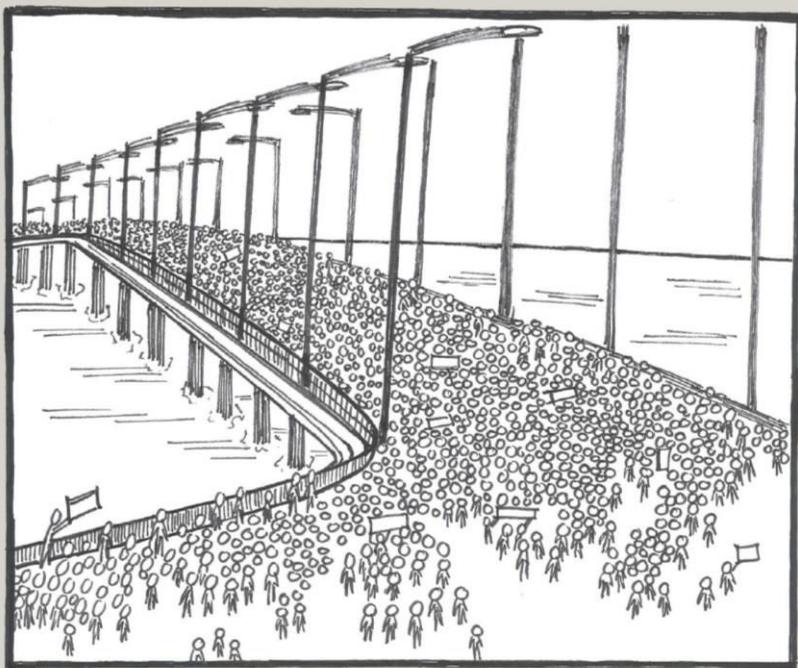
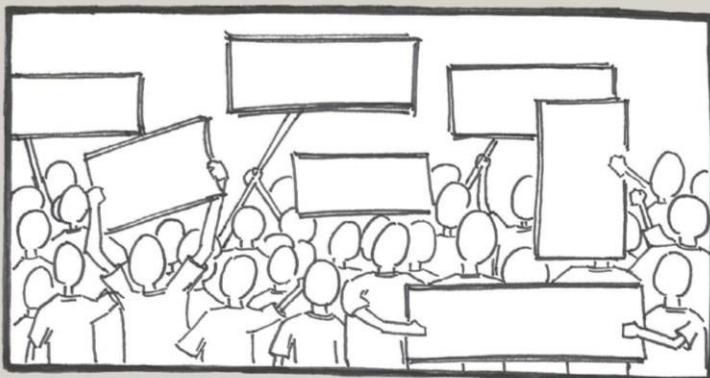
FALSA POESIA

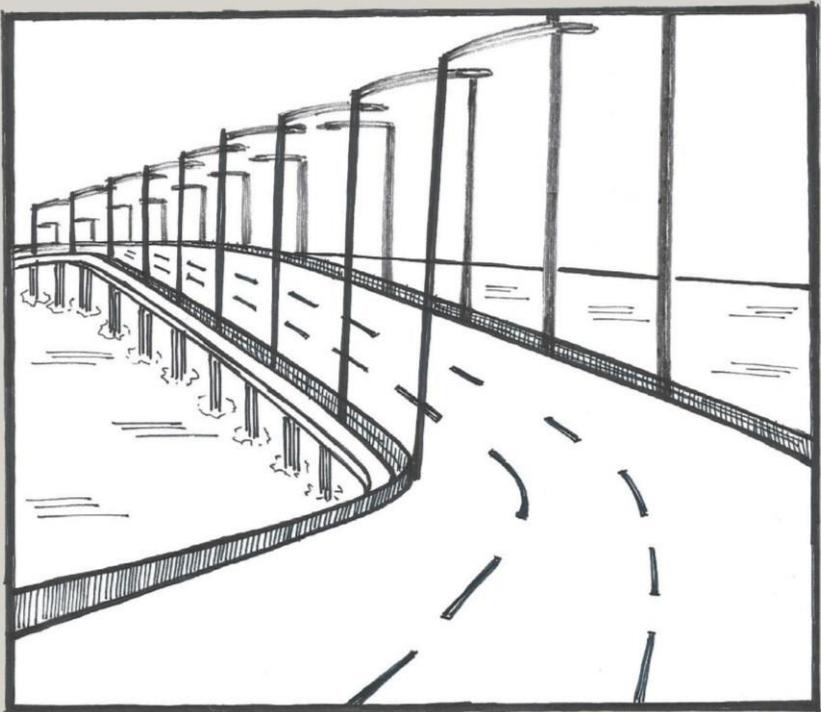
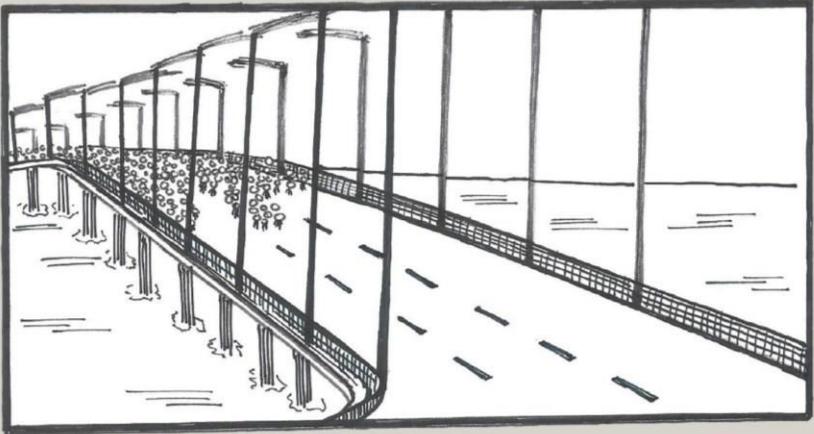






GRITOS SURDOS







MODOS DE MORAR E MODA DE MORAR

Izabel Nascimento

Marluce Wall

Tenho hoje a vida que sempre sonhei. Moro em um apartamento grande, com opcionais de lazer que nem consigo listar. Meus filhos podem escolher desde o uso de uma simples sala de jogos e *playground* até quadras equipadas para esportes em grupo. Não usam nenhum deles, no entanto, pois, quando não estão na escola, fazem natação, inglês e aulas de música. Mesmo nos fins de semana, já que estes são para almoçar com meus pais ou fazer passeios entre brinquedos no shopping e idas ao cinema. Tenho salão de beleza, *pet shop*, lavanderia, tudo a mão, não precisando sair do condomínio. Tenho um carro que me desloca para todos os lugares de que preciso, mas que não estão disponíveis na área privativa do meu prédio.

Mas será que sempre sonhei com isso mesmo? Na infância, enquanto brincava de bola com meus colegas na rua, onde conheci pessoas de várias ruas e bairros, com histórias, culturas e experiências diferentes, era algo a se sonhar. Ou quando podia andar até a quitanda do Sr. Bento para comprar algum doce, e minha mãe ficava tranquila em casa, pois todos na rua me conheciam. Não era o sonho de toda mãe? Ir para a escola andando e, por algum mau comportamento voltar para casa, e ouvir Dona Concita dizer-me: “vou perguntar à Dona Francisca se você foi mesmo para casa!” – Dona Francisca era a

minha vizinha, uma senhora aposentada que estava sempre na porta de casa, vendo o movimento da rua – não era como ter um parente próximo a cada esquina? Não sei ao certo se tenho a vida que sempre sonhei, mas sei que tenho aquela que foi possível sonhar.

Pensar a experiência de se morar na cidade, muitas vezes, leva às afirmativas sobre as opções que são apresentadas pelo mercado, e às escolhas que são feitas com base nestas opções. Contudo, pensar na dinâmica deste sistema e nas relações entre o morador, a habitação, as outras pessoas e a cidade em que se está inserido, reflete nos espaços que são produzidos e nos modos de usar este espaço.

Ocorre hoje uma relação cíclica de esvaziamento do espaço público por questões pessoais, e, conseqüentemente, esvaziamento de um todo, pelo fato de o espaço estar vazio. Ninguém sai de casa para se expor em uma rua vazia, e, se ninguém sai, ela permanece no mesmo estado, dando lugar a ambientes hostis que cada vez mais afastam as pessoas. Em consequência disso, o mercado se vale desta sensação de insegurança para convencer os clientes que existe uma forma de morar mais adequada à realidade, em que tudo acontece entre muros, em que a experiência pública vai perdendo lugar para o individualismo. Este “comércio de nova cultura” resulta em uma extensão às formas de lazer cada vez mais realizadas nos ambientes monitorados e fechados, que obrigam os usuários a utilizá-los em uma relação de consumo. Este não é o estilo contemporâneo de viver, mas o modo mais rentável de controlar os gostos e hábitos de uma população.



O estímulo à criatividade e a interação entre as pessoas, características do modo de viver no espaço público, dá hoje lugar à “cultura do eu”, na qual a relação interpessoal só se apresenta entre aqueles que se identificam ou podem sustentar essa dinâmica. É a naturalização da realidade de que: eu vou como eu posso ir, onde eu posso pagar e interajo com aqueles que eu penso terem a minha mesma posição social, pois frequentam os mesmos lugares que eu frequento. O aprisionamento também se dá neste panorama onde eu trabalho o dia inteiro, eu chego cansado, então eu prefiro utilizar equipamentos particulares, onde eu não precise compartilhar com estranhos. Estes muros são físicos, se pensarmos nos condomínios, shoppings, e instituições públicas e privadas, mas também são invisíveis quando cercamos nossas vidas de muros que nos isolam da vida pública. O que pensar da sociedade e da cidade daqui a 20 ou 50 anos, se propagarmos ainda mais essa cultura? O muro que nos protege é o mesmo muro que nos deixa ainda mais expostos.

Uma cidade faz-se pelos vínculos que são desenvolvidos durante o seu uso. Pensar na cidade sem laços de amizades e/ou familiares é o mesmo que falar de um organismo sem personalidade ou história, em que sua substituição ou extinção não traz lembrança ou saudade, pois ele pode ser completamente descartado. A saudosa rua da infância é aquela que nos é singular, pois ela tem, em cada espaço, registros da vivência de quem dela recorda. Nenhum lugar é igual ao outro, pois as vidas que por ali passaram não viveram as mesmas experiências. Fazer da cidade um lugar de espaços privativos de moradia, trabalho e lazer, é reduzi-la ao título de lugar onde se habita, em que a



transferência desse lugar se dá pelo simples poder aquisitivo de mudança, e não das raízes que fazem dele único.

Não existe direito à cidade sem o uso que se faz dela, sem o dia-a-dia, sem as relações interpessoais, sem o encontro com estranhos. A escolha pelo modo que se vai morar irá refletir na forma de organização social de uma sociedade. A partir do momento em que praticamos a cultura da segregação, somos também parte de grupos segregados. Convivemos com aqueles que acreditamos ser nossos iguais e excluímos e somos excluídos de grupos que não são compatíveis. Que tipo de espaço urbano é este que está sendo produzido?

São várias as razões que levam à busca por modos de morar diferentes daqueles que nascemos e crescemos. Alguns almejam mais tranquilidade, afastando-se de bairros densamente ocupados, onde tudo o que se quer é ter pouco vizinho, pouco carro e mais privacidade. Quais são as opções? Um sítio afastado de toda a cidade, onde tudo que se quer está distante, obrigando a pessoa a ir ao bairro denso e congestionado mais próximo? Ou um condomínio fechado, que nada tem de poucos vizinhos, poucos carros e privacidade? Talvez o problema seja a falta de segurança, mas você quer pensar em uma coisa mais insegura do que viver isolado em um mundo perfeito, em que a necessidade de ir à rua para trabalhar, ir à escola ou passear, se torna uma viagem ao desconhecido? Pensar no modo de morar que hoje se apresenta como opção é revelar para nós a incapacidade de justificar o modo que se optou por morar.

Pensar nas escolhas que estão sendo feitas como objetivos de vida leva à reflexão sobre diversas opções que são



apresentadas, e que irão definir o modo que se escolheu morar. Um caso é a realidade de se pagar caro para morar em bairros mais afastados do centro, em busca de tranquilidade, ou por serem áreas que estão se tornando valorizadas. Essa escolha, como pode ser visto, não está condicionada à distância do trabalho ou da escola dos filhos, o que leva indivíduos a gastar boa parte do dia e da semana em engarrafamentos e no ambiente de trabalho, onde se fica o dia inteiro pela impossibilidade de retornar para almoçar em casa e continuar a jornada de trabalho, pela tarde, sem atrasos. O tempo que se tem em casa resume-se a algumas horas da noite, pois se deve dormir e retomar a rotina no dia seguinte. Qual é o sabor da cidade para esta pessoa? Por que não optar por morar em um bairro que possua os serviços de que necessita e que é onde estão o trabalho e a escola dos filhos?

Este panorama permite ao cidadão experimentar a cidade a pé ou de bicicleta, e saborear a experiência de realizar as atividades do dia-a-dia em contato direto com outras pessoas e com os lugares por onde passa. Neste caso, deve-se apenas lembrar que a cidade não se resume a este bairro, uma cidade dentro da cidade, mas que se devem explorar outros lugares ou conhecer outras realidades. Este ritmo de vida a que hoje as pessoas estão condicionadas, deve ter mais compasso, e ter suas horas melhor aproveitadas pela experiência com o outro e consigo. Assim, o mundo do individualismo, onde esquecemos que as pessoas ao nosso redor fazem parte do mesmo universo a que estamos expostos, extingue-se, pois chegar à nossa casa e descansar passa a estar repleto de experiências. Uma cidade é muito mais que um terreno físico dividido em espaços para cada indivíduo e atividades do dia-a-dia; ela é feita, também, dos



comportamentos e relações humanas, das representações de uma comunidade e da prática urbana que cada pessoa e grupo fazem. Essa urbanidade, sim, ditará a moda de morar, mas de forma a evocar a qualidade de vida e moradia que transcendem o espaço físico do habitar.

Para uma maior compreensão, pode ser útil pensar na urbanidade como uma qualidade que pode ser favorecida pela condição urbana. Essa expressão “condição urbana” tem o sentido de colocar em evidência uma circunstância, uma situação urbana determinada, com características especiais. Olivier Mogin (2009) fala de duas condições urbanas da cidade contemporânea: o mundo da cidade concebida como uma aglomeração que reúne e integra, que é a cidade que se pode chamar de compacta; e o mundo de um urbano, de territórios fragmentados. O urbano se definindo em relação à cidade, como relativo ou pertencente à cidade.

Na perspectiva da primeira condição, Mogin (2009) situa a cidade como condição de possibilidade de relações diversas, que vão de uma relação individual com o espaço a uma relação com os outros nesse espaço. É uma condição urbana que designa tanto um território quanto um tipo de experiência da qual a cidade é, com mais ou menos intensidade, a condição de possibilidade: a experiência urbana.

Para Mogin (2009), a experiência urbana é primeiramente um espaço de habitação e de vizinhança, de relações pessoais. Uma primeira dimensão da experiência urbana é, portanto, a experiência corporal dentro de um espaço, a experiência do deslocamento individual neste espaço, a apreensão do espaço



através do caminhar. No espaço da cidade, através desta experiência corporal, o individual se enlaça com o público de um modo bem simples, uma vez que a possibilidade de caminhar pela cidade permite o compartilhar dos espaços pelos mais diferentes tipos de pessoas e, com isto, a convivência com a diferença que reforça o exercício da urbanidade (WALL, 2011).

A cidade dispersa se assenta sobre a prevalência dos espaços homogêneos, distantes entre si, acompanhados dos espaços de ligação e de circulação entre estes espaços homogêneos, em detrimento dos espaços de convivência. Privilegia o retraimento em oposição ao se expor à experiência pública. Nesta condição, os espaços privados se impõem aos espaços públicos.

É neste sentido que, para Lefebvre (2000), a lógica da dispersão destrói a urbanidade. Uma urbanidade que é construída pelo uso dos espaços da cidade, pela convivência dos contrastes, e que, embora não elimine os conflitos, facilita o encontro.

Para Lefebvre (2000), o espaço é produzido socialmente, e esta produção está intimamente ligada ao cotidiano, assim como produtos e produção, em uma relação dialética. O cotidiano, por sua vez, é um conceito que se identifica com a vida de todos e de cada um. Como ensina a filósofa Agnes Heller (1990), a vida cotidiana é a vida de todo homem, a vida na qual o ser humano participa com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nesse sentido, a produção do espaço pode ser entendida em uma acepção mais ampla, do mesmo modo que se entende a produção, pelos seres humanos, de sua vida, de sua história, do seu mundo, de sua consciência (LEFEBVRE, 2000).



Ou seja, uma produção do espaço que implica na participação das pessoas ou grupos de pessoas mediados pelo cotidiano.

Por outro lado, essa produção é submetida à técnica e ao contexto histórico e social. Em sua segunda acepção, o espaço é um espaço produzido, ou seja, é criado por um motivo determinado, para cumprir um determinado propósito. Este é o espaço concebido, idealizado pela ciência, pelos arquitetos e urbanistas, os tecnocratas, os planejadores. O espaço dos planos e projetos. Segundo Lefebvre (2000), este momento de concepção da produção do espaço é o momento da representação do espaço. Nesta segunda acepção da produção do espaço, o espaço é mercadoria que se compra e vende. Como produto, este espaço é, então, um espaço abstrato, mas é também concreto, no sentido em que abstrações, como *commodities* e dinheiro são concretas, diz Lefebvre (2000). Essa mercantilização implica em criar estratégias de produção do espaço como mercadoria a ser vendida. Ou simplesmente, estratégias de venda deste espaço-mercadoria.

Zygmunt Bauman (2001) analisa que a nossa modernidade é uma versão individualizada e privatizada da modernidade. O Individualismo e a individualização sobrepõem-se ao coletivo em todos os campos. Esse padrão se repete na cidade, nas comunidades fechadas dos condomínios fortificados. Um espaço que aparece como o contrário do espaço urbano, pois dificulta o encontro de estranhos. Nesta lógica, prevalece o espaço dos iguais, que isola, que demarca uma fronteira fechada e fortificada contra os estranhos. A estratégia para consolidar o movimento de construção e valorização destes espaços, que sugere a cultura da



moda do morar, se apoia neste contexto de valorização do individualismo e da individualização.

Por outro lado, o cotidiano está ligado ao segundo momento da produção do espaço da teoria lefebvriana: o momento da prática espacial. Um momento que incorpora uma associação entre a realidade cotidiana, a rotina diária e a realidade urbana. A prática espacial é, ao mesmo tempo, os lugares para a vida privada, para o lazer, para o trabalho, as vias, os caminhos, que ligam esses espaços; mais as ações, as atividades que as pessoas realizam nesses espaços (LEFEBVRE, 2000). O terceiro momento se constitui como o espaço representacional, o espaço como diretamente vivido através de suas imagens associadas e símbolos. É o espaço de alguns artistas, mas é também o espaço dos habitantes e usuários, o espaço da vivência. Estes momentos formam uma tríade conceitual: o espaço concebido, o espaço percebido e o espaço vivido, que se relacionam dialeticamente. É também uma necessidade lógica que eles interajam, que os sujeitos possam se mover de um para o outro (LEFEBVRE, 2000). No entanto, alerta: não é possível, nem desejável, tomar esses três momentos como modelo, sob pena de perder toda a sua força, como afirma o próprio Lefebvre (2000, p.50).

Na verdade, estas relações não são nem simples nem estáveis. Não são também simples relação de causa e efeito. A prática espacial, por exemplo, que Lefebvre claramente assume como o momento do percebido é, e não pode deixar de ser, o momento dos usuários, da vivência, da experiência, a partir mesmo da própria definição. Por outro lado, o momento do vivido, da representação, pelo mesmo motivo, não pode deixar de



ser o momento do percebido, que elaborado de forma sensível e se relaciona com interpretações, representações acerca do espaço, momentos carregados de simbolismo. Finalmente, a prática espacial se dá em um espaço tornado material e físico, segundo uma determinada concepção do espaço, estando, portanto, inteiramente imbricados os três momentos.

Tomando como base esta teoria, modos de morar, ou em outras palavras, as escolhas de cada um do seu lugar de morar, vão ser influenciadas pelo traçado da cidade, pelo universo dos técnicos, universo do planejamento e da gestão urbana, pelos mais diferentes interesses econômicos compreendendo por vezes os interesses do mercado imobiliário, da construção civil, entre outros. Vão ser influenciadas, por outro lado, pelas necessidades cotidianas, pelos desejos de bem viver. Ou pelas estratégias que conseguem criar no imaginário coletivo as representações sobre os modos adequados ou desejáveis de morar.

As narrativas aqui apresentadas e as reflexões propostas sobre a produção do espaço e os modos de morar buscam contribuir para um melhor entendimento da produção do espaço e dos modos de morar.



REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2001.

HELLER, Agnes. O Cotidiano e a História. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LEFEBVRE, H. La production de l'espace. 4 ed. Paris: Anthropos, 2000.

MOGIN, Olivier. A condição urbana: a cidade na era da globalização. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

WALL, Marluce. Urbanização Dispersa em São Luís: tensão entre expansão e centro. 2011. Tese (Doutorado em Urbanismo). Programa de Pós-graduação em Urbanismo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio de Janeiro - PROURB-FAU/UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.



ENTRE A CIDADE COMPACTA E A CIDADE DISPERSA OS MODOS DE MORAR EM SÃO LUÍS ¹

Marluce Wall

São Luís, até a década de 1970, era uma cidade compacta, concentrada. A expansão de São Luís, ao tratar de ocupar terras não urbanizadas, distantes da cidade existente, deu início à construção de uma nova cidade que se caracterizou pela descontinuidade do construído, uma cidade dispersa. Esta é uma nova condição urbana. É importante caracterizar que a cidade dispersa foi consequência das escolhas do processo de urbanização, mais especificamente as que se expressaram no Plano Diretor de 1974 (WALL, 2011).

A cidade dispersa que se produziu, por ter formação diferente da cidade compacta, gerou práticas espaciais diferentes, e é o que se pode chamar de diferenciação territorial da vida cotidiana (BARATTUCCI, 2006).

A dispersão é um novo modo de produção de espaço, mas é também um novo modo de morar. Um modo de morar individualizado e separado da cidade, dos centros concentradores das atividades de trabalho. O que equivale a dizer, em São Luís, o uso obrigatório dos meios rodoviários de locomoção, pelas

¹ O texto que se apresenta a seguir é um recorte da tese *Urbanização Dispersa em São Luís: tensão entre expansão e centro*, defendida em 2011 no Prourb-FAU/UFRJ pela Professora Marluce Wall. O título é inspirado no projeto de pesquisa apoiado pela FAPEMA APP UNIVERSAL



avenidas modernas que compõem a extensa malha viária que dá suporte ao funcionamento da cidade. São Luís, cidade dispersa, formou-se de pedaços de cidade, na beira das estradas às novas avenidas ditas de “alta velocidade”.

A construção da nova cidade, baseada na criação de novas áreas residenciais, constituiu-se em um novo tipo de urbanização, de funcionamento da cidade, que precisou, e ainda precisa, da aprovação dos próprios habitantes compradores e usuários dos novos espaços. Para a expansão planejada para fora da cidade existente, a cidade moderna precisou negar a cidade antiga como lugar de morar.

A elite abriu mão da proximidade do comércio e dos locais de trabalho ao mudar-se para a proximidade da praia, com um dito conforto, uma privacidade e uma individualidade evidente. As novas avenidas, que se seguiram às pontes sobre o Rio Anil, tornavam possível este modo de morar. Abandonava o centro como local de sua moradia, partindo para os novos espaços de maior prestígio social. A propaganda dos novos modos de morar e a oferta da casa própria atraíam ainda a população de inquilinos, que trocavam o aluguel pela prestação da casa própria. (VENANCIO, 2010). A cidade antiga e compacta transformou-se na cidade histórica.

A praia como atração e a concretização do sonho da casa própria.

A busca de prestígio ou da proximidade da praia se encontra com o desejo de uma qualidade de vida, uma qualidade de morar, que se colocava em oposição ao morar na cidade



existente. Isso significava, em larga medida, a fuga da cidade, aqui representada como um lugar congestionado, com todos os inconvenientes de um local muito populoso, com os inconvenientes da proximidade com uma vizinhança indesejável, com os inconvenientes de uma menor possibilidade de privacidade.

A vida cotidiana que se buscava era idealizada como uma vida privada, como um “estar entre si”, como nomeia Mogin (2009) voltado para o mundo privado, o mundo familiar. Neste caso, a distância do centro é desejável e almejada. A separação entre os locais de moradia e de trabalho se configurava como essencial e implicava na existência de um centro urbano necessariamente distante, para poder dar a tranquilidade e a privacidade esperadas, mas de fácil acesso para garantir toda a infraestrutura necessária. Deste modo, a orla litorânea foi sendo ocupada, confirmando o “morar na praia” como o morar ideal, adequado, desejado, em São Luís do Maranhão.

No mesmo movimento, o sonho da casa própria deu suporte aos modos de morar nos conjuntos habitacionais em São Luís.

Meu filho, quando dava a noite, eu olhava as luzes da cidade lá longe, me dava uma tristeza... ..eu pensava, meu Deus, o que eu estou fazendo aqui...mas a felicidade de morar com a minha família em uma casa finalmente minha



me consolava. Um morador do Vinhais ² (Vasconcelos, 2007).

Nesta fala, encontram-se as duas condições urbanas. De forma simples, da forma como é apreendida pelo morador, pelo cidadão comum se encontram a cidade como a conhecera; e o seu espaço, o espaço da cidade dispersa.

A representação de cidade, formada na experiência direta, na vivência, é a primeira condição: a cidade compacta. A raiz da nostalgia, da tristeza do nosso narrador, era ligada à consciência da distância, mas não apenas da distância física de um centro urbano. Sua casa era distante fisicamente da cidade e era distante de sua representação de cidade, da cidade mental. O que evidencia o fato de que a cidade não se resume a uma experiência territorial, material, física; ela é, também, uma criação mental, vinculada a comportamentos individuais e coletivos que se manifestam na prática espacial, e que transparecem nas suas representações dialeticamente.

A segunda condição urbana era a cidade dispersa, caracterizada pela descontinuidade, pela desconcentração do espaço construído, no sentido exato de dispersão como separação (de pessoas ou coisas) por diferentes lugares ou direções (HOUAISS, 2010). Era das pessoas ou coisas, antes agrupadas de forma mais aproximada que o morador sentia falta.

O modelo das áreas residenciais que se afirmou tanto nos loteamentos na proximidade das praias, como nos conjuntos

²Esta entrevista foi concedida a Paulo Vasconcelos por ocasião da realização do seu Trabalho Final de Graduação em 2007.



habitacionais era um *habitat* homogêneo, uniforme, projetado como o resto da cidade, naquele processo de urbanização comandado pelo Plano Diretor de 1974, segundo os cânones de uma urbanização que sugeria exatamente o que Lefebvre pontua como a lógica do processo de produção industrial (LEFEBVRE, 2000). O espaço abstrato. Espaço-mercadoria, no qual o valor de troca é preponderante.

Entretanto, para as pessoas participantes desse processo, o valor de uso tem uma enorme importância. O fato de seu projeto, em sua existência, ser condicionado pela lógica da mercadoria não implica que o valor de troca elimine o valor de uso. A apropriação do espaço pelos moradores, através da sua prática espacial, transformou muitos dos conjuntos habitacionais que, considerados como desenhados sem qualidade arquitetônica, “exilados” do convívio com a cidade existente, deram a volta por cima, aproximando-se da experiência urbana em seu primeiro sentido.

O Centro Histórico: resistência dos modos de morar tradicionais

Na cidade dispersa, a cidade compacta transformada em cidade histórica passou a relacionar-se com a cidade dispersa como centro desta cidade. Certamente, isso também é visto e vivenciado de forma diferente, de acordo com a experiência urbana e com os modos de morar. Para uns, a distância era bem-vinda porque mantinha longe a turbulência, o barulho e a

poluição da concentração (modos de morar nos bairros litorâneos); para outros, a distância era um mal necessário (conjuntos residenciais de classes médias) para poder viver na sua casa própria e de modo mais individualizado; ou era um terrível fardo a ser percorrido para o trabalho (conjuntos residenciais mais afastados e a periferia marginalizada). Finalmente, era o centro mais bem equipado, com ofertas mais diversificada, com as melhores escolas, para aqueles modos de morar que construíam outro centro para si. Durante a década de 1970, ainda não se haviam agudizado as tensões entre ser histórica e cidade viva. Mas já se evidenciavam os problemas do abandono dos casarões da Praia Grande. Na década de 1980, aconteceu um dos maiores programas de reabilitação de um centro histórico brasileiro, conhecido como o Projeto Reviver; e, a partir disso, a terminologia de cidade histórica cede lugar à denominação de centro histórico.

Não desapareceram os modos de morar citadinos no centro, ou na sua imediata adjacência, os antigos bairros da cidade existente, nem os “nichos residenciais”³ e os modos de morar tradicionais da cidade compacta. Na década de 1990, de um lado, São Luís tinha um centro histórico que começava a dar alento à proposta de desenvolvimento do turismo e de sua

³ Que foram o foco do trabalho de dissertação de mestrado em 2002 (VENANCIO) e que foram mais uma vez vistos em trabalhos de pesquisa que contaram com bolsistas de iniciação científica (ARAÚJO, 2007; SANTOS, 2009; FREIRE, 2010) ou com trabalhos de extensão (FILGUEIRAS e MENEZES, 2008; FILGUEIRAS, 2008) que revisitaram e atualizaram o levantamento urbanístico de 1998 (DPHAP-MA/IPLAM). Todos confirmando que o centro é ainda um lugar de morar e que estes modos de morar ainda mantêm as mesmas características identificadas em 2002.



inclusão no mundo globalizado. Inclusive, o Centro Histórico de São Luís foi considerado Patrimônio Mundial pela Unesco.

A cidade, àquela altura, apresentava-se claramente dispersa. E como diz Secchi (2010), a dispersão incomoda, seja pelos gastos com a infraestrutura, pela dificuldade maior de resolver os problemas de transporte público ou de trânsito urbano, ou porque estavam se tornando rotina os espaços livres serem ocupados de maneira espontânea e informal. Havia, além disso, uma novidade na região do Renascença: o Tropical Shopping Center. Térreo, horizontal, aberto, concentrava lojas mais sofisticadas dos que as que se localizavam no Centro. Contava com lanchonetes, um restaurante e um cinema. Inaugurou em 1986, coincidindo com o tombamento estadual do centro.

Burnett (2007) vai apontar a instalação deste primeiro shopping center da cidade como uma influência decisiva nos modos de ocupação da área litorânea “que irá, paulatinamente, acarretar mudanças na própria legislação urbanística da cidade” (BURNETT, 2007,p.189). E completa:

A combinação ‘residência & shopping center’, em um ambiente urbano caracterizado pela precariedade de equipamentos de usos coletivos, foi fundamental para consolidar o padrão dos condomínios verticais que sinalizaram para um segmento da construção civil, então órfã dos incentivos estatais desde a crise e posterior desmantelamento do SFH, com um mercado de retorno seguro e lucrativo. Este é o fato que promove a mudança da ocupação da região e, por extensão, da estrutura da indústria da construção civil local que, agora sim, se volta



decisivamente para a nova tipologia arquitetônica. (BURNETT, 2007, p.189).

Ao falar de precariedade de equipamentos de usos coletivos como característica do ambiente urbano, Burnett dá pistas sobre a estrutura e dinâmica de São Luís. A primeira é sobre o lugar que concentrava serviços e comércio: o centro urbano, o centro antigo que continuava como tradicionalmente o fazia, concentrando as atividades que funcionariam em equipamentos coletivos, como o shopping center que se criara. Carência de equipamentos coletivos se relaciona com outros espaços para o consumo, ou de concentração de serviços, ou mesmo de lazer, todos concentrados, até então, no centro antigo.

O centro funcionava perfeitamente no papel que lhe havia sido reservado no momento da criação da nova cidade, bem ao gosto dos paradigmas do urbanismo dos modernos. Mas o reconhecimento da precariedade sugeria que a cidade dispersa precisava de outros centros de comércio e de serviços, além do centro tradicional. O São Francisco, que poderia ter substituído o centro urbano, antes o complementava. Os outros centros de bairro, como os da Cohab e do Cohatrac, que começavam a aparecer, atendiam a uma população mais localizada, não atraindo a elite, que continuava a usar o centro.

Desse modo, o *shopping center* construído ali, próximo do conjunto residencial do Renascença II, incentivava a ocupação daquela área, principalmente porque sugeria a possibilidade de construção de uma nova urbanidade, a possibilidade de um novo centro, mais próximo dos novos bairros.



Villaça (2000) defende que as transformações de nossas cidades são fruto da disputa pela apropriação de uma boa localização, somada à luta pelo domínio dos meios e condições de transporte para alcançá-la. É essa disputa que leva à produção de espaços urbanos diferenciados, nomeados por ele de sítios sociais muito particulares, ou seja, a segregação espacial dos bairros residenciais das distintas classes sociais, que se constitui como uma das características mais fortes da urbanização brasileira. As camadas mais altas da população trocando as vantagens de morar na cidade, em áreas mais bem equipadas do ponto de vista da vida urbana, mais próximas dos locais de trabalho, de estudo, do comércio, dos serviços, pelo conforto do morar mais sossegadamente em áreas ainda não urbanizadas, o automóvel mantendo a possibilidade do alcance do centro, sem mudanças significativas de tempo, ou com um conforto maior.

Então, quando essas elites passam a não ir mais ao centro, ou não querem mais ir, seus outros interesses suplantam as vantagens que o centro antigo poderia oferecer. E se o tempo de deslocamento mesmo com o uso do automóvel não é mais suportável, o centro vai até as elites. Um novo centro se constroi.

Novos Modos de Morar: do alto das torres ou atrás dos muros

Seguindo a mudança que aconteceu nas leis de uso do solo com o aumento do gabarito das edificações, a indústria da construção civil encontrou um novo filão: nas torres residenciais instalou-se um novíssimo modo de morar, em apartamentos, que,



naquele momento, se reinventaram, adquirindo o requinte necessário para atrair novos moradores das classes mais altas (ASSUNÇÃO, 2006; TARGINO, 2008). A proposta e o local encontraram eco na população. Construiu-se de forma intensa.

A verticalização, o apartamento, não era propriamente uma novidade em São Luís. Como símbolo de modernização, compareceu prontamente ao chamado de construção da modernidade. Os primeiros se instalaram nos anos 1940, mas até a década de 1960, não passavam dos quatro ou seis andares e, em sua grande maioria, destinavam-se aos segmentos médios da população. O primeiro edifício de apartamentos de dez andares, visto como um modo de morar sofisticado, o Edifício Caiçara, foi construído na segunda metade da década de 1960, depois que o bonde saiu de circulação em São Luís, no lugar destes trilhos, no coração de São Luís: a Rua Grande, o centro comercial tradicional. Carregava os signos das cidades modernas: comércio e serviços nos primeiros andares e residências a partir do segundo. As famílias modernas aderindo com satisfação (FIGUEIREDO, 2006).

Com a mudança nos modos de urbanizar e a prioridade da construção da cidade dispersa, a construção de edifícios de apartamentos no centro ou em qualquer lugar na cidade antiga ficou na contramão e poucos foram construídos, de modo esparsos pela cidade.

Reinventam-se, no entanto, na década de 1990, com toda pompa e circunstância ao incorporar características mais sofisticadas e ao trazer para o domínio privado atividades de lazer



que criam um espaço coletivo restrito a seletos membros de uma comunidade.

Fato que também revela uma característica dos nossos tempos atuais, que privilegia o *shopping center* como ponto de encontro e o viver entre muros altos e protegidos do contato com o contexto urbano que o cerca. E que confirma que, como já observa Lílian Vaz (2002), à medida que a habitação coletiva se aprimora, ela passa a ser absorvida pelas camadas mais privilegiadas e se transforma em símbolo de uma modernidade desejada.

Os apartamentos cresceram em tamanho e sofisticação. São três ou quatro suítes, com closets, banheiras de hidromassagem e outras atrações. As áreas comuns incluem além dos tradicionais playgrounds e salões de festa, piscinas, saunas, churrasqueiras, fitness centers, salas de vídeo, pequenos auditórios, espaços *teen*, espaços *baby*, espaços *femme*, *home office*, sala de cinema, de bricolagem, quadras de todos os esportes e tudo mais que a imaginação permitir (TARGINO, 2008).

Este processo não acontece sem a participação da população. “Novos modos de morar”, “modos de morar modernos”, acabam por se revelar como impregnados, acima de tudo, de um significado de prestígio social. Como bem diz Baudrillard (1995), a escolha do lugar de residência, do colégio dos filhos, da rede de relações, a simples posse deste ou daquele objeto em si mesma é um “cartão de cidadania”.

Nos lugares onde a verticalização não era permitida pela legislação, constroem-se os condomínios fechados de casas



isoladas, criando-se outro filão para o mercado imobiliário e para a indústria da construção civil (RIBEIRO, 2007).

Para Burnett (2006, p. 15)

vale assinalar o surgimento entre nós – logicamente, já experimentado em outras cidades brasileiras – do condomínio horizontal, outra proposta de privatização da cidade, tal qual seu congênere vertical e o shopping center. Disponível para aqueles que não se rendem à praticidade dos apartamentos, o agrupamento de unidades unifamiliares que dividem os gastos com segurança, lazer e manutenção, é o mais novo sucesso empresarial e, do ponto de vista urbano, uma ameaça mais letal que as torres: prescindindo de grandes glebas para se realizar, os condomínios horizontais fechados interferem na estrutura viária dos bairros, nos recursos ambientais coletivos e no próprio poder municipal de controle e fiscalização urbana desta nova tipologia, a “cidade amuralhada” do século XXI.

A morada vertical, o novo modo de morar, atinge o centro, especialmente os segmentos médios que ali permaneciam. E começa a atingir o comércio (incólume até então) e os serviços. O centro passa a ser cada vez menos necessário para os novos modos de morar do outro lado do Rio Anil. À praticidade se acrescentam dois componentes: a privacidade e a segurança. Moradores estão prontos a afirmar que morar em apartamento é mais seguro, porque “se pode sair sem preocupações, só precisa fechar a porta” (ASSUNÇÃO, 2006; TARGINO, 2008).

Essa questão vai ser decisiva para dar outra conotação ao modo de morar. Do Alto das Torres ou atrás dos muros, um novo



modo de morar começa a se afirmar (TARGINO, 2008). Na medida em que a tipologia dos novos prédios, que se esmeram em construir espaços para os carros, exige andares de garagens subterrâneas e altas muralhas para garantir a proteção, os edifícios são isolados das ruas. A urbanidade começa a ceder espaço para o medo.

Nas ruas, agora isoladas dos edifícios, pelas muralhas, o uso do automóvel ganha um novo álibi: a segurança. Mesmo a escola sendo na esquina, rapidamente, o medo faz a caminhada das crianças impossível; e, assim, a rotina de ir e vir de carro continua. Há as muitas vagas na garagem atestando, ou desafiando e estimulando, a posse de um carro para cada membro da família.

O modo de morar se modifica. A segurança e o isolamento dos iguais nas comunidades trazem juntos, de maneira ainda mais exacerbada, o componente de prestígio social. Os enclaves privados, os guetos dos ricos (PAQUOT, 2009), o fechamento das fronteiras (BAUMAN, 2001). É esta característica que vai alimentar a produção dos enclaves residenciais privados, os chamados condomínios fechados.

Por outro lado, em pouco tempo, a influência decisiva do mercado imobiliário começa a construir a representação do “novo espaço é sempre melhor que o outro”, a incentivar a valorização de um, em detrimento da desvalorização do outro. Ou de todos os outros, deixando um rastro de espaços abandonados. Nesse processo, vem acontecendo ao mesmo tempo dois movimentos: o primeiro, de construção nos vazios urbanos ora maximizados pela implantação de condomínios

verticais, ora ocupados por condomínios horizontais fechados; e o segundo, de expansão para terras ainda não urbanizadas, que dá continuidade ao padrão da cidade dispersa já ocupando terras de municípios vizinhos. Um e outro seguindo a mesma lógica de construção de enclaves privados, que busca a sua afirmação como a materialização espacial de um novo modo de viver. Condomínios verticais, condomínios horizontais ou loteamentos fechados atraem os futuros moradores com a perspectiva de morar “dentro de um clube”, com programas cada vez mais mirabolantes, com segurança máxima, oferecendo uma vida isolada do convívio da sociedade como um todo.

Ao mesmo tempo, os novos condomínios são adaptados para todos os segmentos da população, ao ritmo das leis do zoneamento e uso do solo e do poder financeiro dos novos moradores, reforçando-se, dessa maneira, o padrão de privatização da cidade, aprofundando-se a segregação espacial.

Resta a nós, habitantes, responder se nos interessa continuar construindo, mantendo, reproduzindo a política de abandono, desperdício e destruição das estruturas antigas, a sua desintegração. Resta a nós responder que cidade se quer construir: a cidade dos guetos ou a cidade dos espaços urbanos de qualidade, abertos ao usufruto de todos, onde o respeito aos tempos históricos de sua construção se manifeste principalmente na sua possibilidade de uso pelo presente, e na sua transmissão para as gerações futuras.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARATTUCCI, Chiara. Urbanisations dispersées: interprétations/actions. France et Italie 1950/2000. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2006.

BAUDRILLARD, Jean. Para uma crítica à economia política do signo. Lisboa: Elfos, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2001.

BURNETT, Carlos Frederico Lago. Além do Rio Anil. Urbanização e desenvolvimento sustentável: a sustentabilidade dos tipos de urbanização em São Luís do Maranhão. São Luís: UEMA, 2007.

BURNETT, Carlos Frederico Lago. Da Cidade Unitária à Metrópole Fragmentada: Crítica à Constituição da São Luís Moderna; em JESUÍTA, Antônia; Cidades Brasileiras: Atores, Processos e Gestão Pública. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LEFEBVRE, H. La production de l'espace. 4 ed. Paris: Anthropos, 2000.

MOGIN, Olivier. A condição urbana: a cidade na era da globalização. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

PAQUOT, Thierry. Ghettos de riches. Tour du monde des enclaves résidentielles sécurisées. Paris: Perrin, 2009.

SECCHI, Bernardo. A cidade do século XX. São Paulo: Perspectiva, 2009.



VAZ, Lillian Fessler. *Modernidade e moradia: habitação coletiva no Rio de Janeiro séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

VENANCIO, Marluce Wall C. *The paths of the city, the city of paths: urban transformations in São Luis, Maranhão, Brasil*. In: *International Planning History Society Conference, 14., 2010, Istambul, Anais...* Urban Transformation: controversies, contrasts and challenges. Istambul: Cenkler, 2010. v.2. p.131 – 142.

VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano do Brasil*. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 1998.

WALL, Marluce. *Urbanização Dispersa em São Luís: tensão entre expansão e centro*. 2011. Tese (Doutorado em Urbanismo). Programa de Pós-graduação em Urbanismo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio de Janeiro - PROURB-FAU/UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

RELATÓRIOS DE PESQUISA E TRABALHOS DE GRADUAÇÃO

Orientação: Marluce Wall de Carvalho Venancio.

ASSUNÇÃO, Denise. *Torres de São Luís: um estudo da residência multifamiliar em São Luís*. 2006, 25 f. Relatório de Pesquisa (Iniciação Científica, Bolsista Fapema). Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão. São Luís, 2006.



FIGUEIREDO, Tayana. Edifício Caiçara: entre a modernidade e a tradição, um novo modo de morar em São Luís, Maranhão. 2006. 96 f. Relatório de Pesquisa (Iniciação Científica, Bolsista FAPEMA). Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2006.

RIBEIRO, Leandro. Condomínios Horizontais em São Luís. 2007. 76 f. (Trabalho Final de Graduação) Curso de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2007.

TARGINO, Renata Soares. Do Alto das torres ou atrás dos muros, novos modos de morar em São Luís do Maranhão. 2008. Paginação irregular. Relatório de Pesquisa (Iniciação Científica, Bolsista Fapema). Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2008.

TARGINO, Renata Soares. Do Alto das Torres, os Novos Modos de Morar em Condomínio. 2009. 102 f. Trabalho Final de Graduação. (Graduação em Arquitetura e Urbanismo). Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2008.

VASCONCELOS, Paulo Eduardo Silva de. A produção da habitação dos Institutos de Previdência e do Banco Nacional de Habitação na Cidade de São Luís. 2007. 107 f. Trabalho Final de Graduação. (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão, 2007.